

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DE FORMAÇÃO NO NEOLIBERALISMO¹

Diego Verri²

Vânia Lisa Fischer Cossetin³

RESUMO

Este artigo analisa os impactos do neoliberalismo na formação humana, sobretudo nas instituições educacionais. O debate é estabelecido a partir da análise do discurso neoliberal na formação dos sujeitos submetidos a este modelo, dando destaque ao modo como os mecanismos mercadológicos acabam por colocar um teto na formação de crianças e jovens, proporcionando uma educação deficitária e com um fim estabelecido. O presente texto baseia-se em estudo bibliográfico e qualitativo, com aporte crítico-hermenêutico, a partir de autores e obras do campo filósofo.

Palavras-chave: Educação. Consumo. Escola.

ABSTRACT

This article analyzes the impacts of neoliberalism on human formation, especially in educational institutions. The debate is established from the analysis of the neoliberal discourse in the formation of subjects submitted to this model, highlighting the way in which market mechanisms end up putting a ceiling on the formation of children and young people, providing a deficient education with an established purpose. This text is based on a bibliographical and qualitative study, with a critical-hermeneutic contribution, based on authors and works from the field of philosophy.

Keywords: Education. Consumption. School.

INTRODUÇÃO

A educação tem o papel de apresentar o mundo aos que nele ingressam e de transmitir a continuidade do mundo social e da cultura. No entanto, ela tem se mostrado incapaz de implementar ações que visem desacelerar o avanço do neoliberalismo e da mercadificação na formação das novas gerações, mas, inversamente, tem contribuído para ele.

As sociedades têm sua dinâmica baseada no trabalho, de modo que a participação e integração dos sujeitos no mercado de trabalho vem a ser um ponto importante a se considerar em termos educacionais. Flickinger (2010) observa que o próprio fato de os sujeitos estarem

¹ Texto desenvolvido na disciplina de Ética e Formação.

² Doutorando em educação nas Ciências, Bolsista CAPES.

³ Doutora e Mestre em Filosofia pela PUC-RS, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.



integrados no mercado de trabalho já os torna partícipes de uma sociedade capitalista. Desta forma, aqueles que, eventualmente, não estão, encontram-se fadados à exclusão, inclusive como uma forma de punição do próprio mercado. O mercado exige que realizemos movimentos para nos encaixarmos nas posições que ele mesmo cria, de modo que o trabalho desenvolvido no capitalismo acaba favorecendo o capitalista, que explora a mão de obra do trabalhador em busca de lucro e do desenvolvimento das bases do mercado, impulsionando assim o avanço do neoliberalismo.

Segundo Flickinger (2010), o trabalho que se desenvolve na economia capitalista não opera no sentido das necessidades do homem e sim nas exigências do capital. A educação vem operando na mesma lógica, pois a ótica neoliberal invadiu a escola e a fez refém sob a forma de currículos pensados para desenvolver a educação para fins de atendimento ao mercado de trabalho. Com o acelerado avanço das práticas neoliberais estamos nos distanciando da ideia de formação em um sentido ético-social (FLICKINGER, 2010), resultando em dominação econômica sobre o ser humano.

Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é abordar a formação dos sujeitos na perspectiva de observar como a economificação prejudica e amplia os desafios nas instituições de formação. Com base nas ideias de Flickinger (2010) buscamos reconhecer o espaço que a escola ocupa dentro do âmbito da formação e como a economificação contribui para o avanço de práticas neoliberais na vida dos sujeitos.

METODOLOGIA

Toda pesquisa é marcada pela busca constante de respostas que contribuam para a construção de conceitos capazes de ampliar o conhecimento sobre o tema. A presente pesquisa é de tipo bibliográfico de cunho qualitativo, com aporte crítico-hermenêutico. Baseia-se, prioritariamente, no texto de autoria do filósofo alemão Hans-Georg Flickinger, intitulado “A dinâmica do conceito de formação (*Bildung*) na atualidade”, no qual busca refletir acerca da formação dos sujeitos contemporâneos atravessados pela lógica mercadológica capitalista.

Partimos, pois, de uma interpretação textual e de caráter aberto a fim de que consigamos ampliar nossa compreensão acerca dos processos formativos contemporâneos e como, neles, reconhecemos e experienciamos o mundo. Tais questões nos levam a "tematizar a compreensão

como modo fundador da existência humana", o que gera "questões críticas sobre o que é educar, aprender, compreender, pesquisar e dialogar, para dar conta da singularidade da vida humana" (SIDI; CONTE, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O neoliberalismo pode ser caracterizado como uma ideologia política e econômica fundamentada na defesa da liberdade individual, livre iniciativa e mínima intervenção estatal. A essas características podemos ainda associar o livre mercado, competitividade, desregulação e redução do estado na oferta de serviços públicos. Assim, na busca por caracterizar o neoliberalismo buscamos também em Chomsky (2004, p.4) algumas importantes indicações:

O neoliberalismo, sim, é de fato o "capitalismo sem luvas", Ele representa uma época em que as forças empresariais são maiores, mais agressivas e se defrontam com uma oposição menos organizada do que nunca. Nesse ambiente político elas tratam de normatizar o seu poder político em todas as frentes possíveis, razão pela qual fica cada vez mais difícil contestá-las, tornando complicada – no limite da impossibilidade – a simples existência de forças extra mercado, não comerciais e democráticas.

Nesse conjunto de características, o neoliberalismo valoriza a competição como um mecanismo válido para determinar os preços dos produtos, mas neste operar de preços o competir vai além, está na corrida deliberada por um lugar, um espaço que seja determinante para a sobrevivência. O neoliberalismo busca identificar representantes que possam seguir o modelo de sociedade proposto, transformando os indivíduos em sujeitos desprovidos de senso crítico e direcionados a seguir o padrão daqueles que triunfaram na competição dentro da lógica capitalista. Acerca da competitividade, Leite e Raimundo (2021, p.5) traçam o panorama da competição entre os sujeitos do neoliberalismo:

Como as leis de mercado são as regras que permeiam a sociedade neoliberal e conduzem as relações sociais, então todos os princípios e premissas que fundamentam e mantêm o funcionamento das lógicas mercantis também devem ser aplicados como regras que conduzem as relações entre os indivíduos. Ou seja, toda a relação social é baseada no concorrencialíssimo dinâmico de Hayek e Von Mises, o qual dá ênfase à ideia de rivalidade.

Os autores nos mostram as relações impostas pela sociedade estruturado sob bases neoliberais, dentro da qual os sujeitos concorrem por posições na escalada por sobrevivência. Sobrevivência, esta, que vai além da busca por subsistência, implicando situações que vão ser determinantes para atingir status social, pois todo sistema está direcionado a fazer com que o modelo seja seguido por todos. É importante para a manutenção do mecanismo neoliberal que



os sujeitos ajam movidos por um ideal: a casa ideal, a escola privada ideal, a tecnologia ideal oferecida pelos celulares. A partir daí se ideologiza a própria vida.

O status de vida que nos venderam, durante décadas, se ampliou para além disso. É um fenômeno mais amplo e caracteriza tudo à nossa volta. A escola e a formação dos sujeitos estão atreladas a demandas do mercado e até prezam por uma formação, mas que mantenha as ideologias neoliberais ativas e mais fortes. Ora, em um mundo de competição o espaço de formação dos sujeitos é o melhor lugar para se manter algo que favoreça o engajamento da sociedade em padrões estabelecidos.

No decorrer da história de constituição dos sujeitos, percorrendo a vida profissional, chegando à velhice e à aposentadoria, nota-se a marca, segundo Flickinger (2010), de uma biografia mosaica. Para o autor, não temos autonomia ou, dito de outra forma, não temos escolhas para traçar nossas próprias vidas, ficando dependentes da economização. Chegamos, assim, nos aspectos de formação, no campo das instituições educativas, aqui referidas como a escola e a família. Inicialmente, ao tratar da família, remetemos à constituição e à organização familiar, que se configura de forma incompleta, pautando a maneira como se estruturam as famílias nos dias de hoje, nas palavras de Flickinger (2010), “um modelo patchwork”, revelando uma educação que se perde em partes pela falta de compromisso das gerações anteriores com as futuras. O avanço tecnológico, ao qual estão defrontadas as novas gerações, nos convoca a pensar no distanciamento entre estas e as gerações anteriores. Lembrando que a anterioridade é condição para o educar, cabendo aos mais velhos apresentar o mundo aos que nele ingressam “Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele” (ARENDR, 1990, p. 239). O mundo, sem dúvidas, deve ser apresentado, mas como o fazer “sem” os inúmeros mecanismos tecnológicos por aí disponíveis? O que a formação humana tem a ver com isso e qual o grau de responsabilidade da geração adulta na continuidade do mundo, caminho a ser percorrido e apresentado no primeiro momento pela família e, em seguida, pela escola?

Os efeitos da economia no campo da educação são claros ao observamos o sistema de ensino que temos estabelecido. Uma escola burocratizada e que encontra dificuldade de enfrentar os desafios do tempo presente. Como, por exemplo, conceber uma educação capaz de romper com a lógica do mercado e oferecer algo que seja para a formação humana e sem um



fim estabelecido (FLICKINGER, 2010). Índices e avaliações nos colocam em um modo de operacionalização da educação como se estivéssemos em uma linha de montagem fordista, que se inicia desde o primeiro ingresso da criança na escola e se estende até o final do Ensino Médio, inclusive, da universidade. Uma máquina capaz de produzir bens e servir a algo que está longe de seu alcance, ou mesmo de seu entendimento. A frase de Freire (1987) de que “o sonho do oprimido é ser opressor” segue com seu sentido aberto e fazendo referências às sociedades. Afinal, não se espera do aluno egresso da escola que este vá revolucionar tudo em sua volta, mas o que se espera é uma tomada de consciência de si, do mundo e das relações que estabelece com os seus iguais. Neste ínterim, a escola segue burocratizada e sendo alvo de reformas (FLICKINGER, 2010), de modo que no caminhar por tantas reformas e avaliações seguimos, como professores, sendo reformados no intuito de massificar nossos alunos e tornar cada vez mais possível o desenvolvimento da educação voltada ao mercado, à manutenção de sociedades com cada vez maior dificuldade de efetivar significativas mudanças sociais. Nesse sentido, a escola continua reproduzindo um sistema excludente, porque mantém uma grande parcela da população inapta para a crítica do sistema que o oprime.

Nas sociedades modernas latino-americanas há uma marca muito forte dos processos de dominação europeia, a exemplo da escravidão, que quando associadas aos processos de mercadificação da educação se acentuam em uma parcela específica da sociedade, que não tem perspectivas de avançar nos mecanismos que separam as possibilidades de dobrar o sistema da cruel e destruidora condenação determinada por ele. A escola, como meio de desenvolver possibilidades e condições para se avançar nos conhecimentos, é determinante para que o jovem pobre em situação de vulnerabilidade avance em direção a produzir alguma cisão entre os mecanismos postos e a defesa de sua própria vida. Mas quando vamos ao encontro das possibilidades da escola atual, caracterizada por uma crescente desvalorização do conhecimento, que se reinventa a partir de reformas de cunho neoliberal e inspiradas em modelos pré-estabelecidos, as possibilidades se esvaziam e se transformam em novas condições de exclusão, que agora estão a favor não mais do jovem, mas, sim, de mecanismos propícios para o desenvolvimento do que chamamos de mão de obra barata.⁴

⁴ Mercadificação assim como economificação fazem jus a processos de ampliação do capitalismo neoliberal para todas as esferas. Uma vez que o neoliberalismo se adapta e cria suas próprias condições para prosperar.

As dimensões expostas, no que se refere aos espaços de formação e à relação com o conhecimento frente às características propostas pela mercadificação dos espaços de formação, ficam claras quando Flickinger (2010) traz à tona os aspectos de desvalorização dos conhecimentos nas instituições formativas e a relação que se estabelece com o projeto para a vida de si encaminham para uma modernização e uma relação de submissão dos indivíduos ao capital global. O que se estabelece como global faz referência a algo que esteja amparado em uma “visão unificadora” determinante na formação, voltada para a flexibilização de vários aspectos ligados ao movimento dos jovens no âmbito de um mercado internacionalizado, o que gera um novo ordenamento nas diretrizes trabalhistas. De fato, não há espaço para todos dentro do sistema, de forma que para haver um rico usufruindo de bens e serviços de luxo deve haver um pobre em situação de sofrimento. O que se trata, aqui, é de um novo indivíduo capaz de cumprir com as demandas da sociedade, formado dentro daquilo que os processos de economificação exigem. Há uma lógica intrínseca nos processos formativos que operam no sentido de condicionar os sujeitos ao aperfeiçoamento constante a fim de que atenda a “lógica econômico-social vigente”. Como contraponto, aqueles que não estão integrados a essa lógica formarão as camadas pobres das periferias das cidades.

Aqueles que entram no processo de formação voltado ao mercado encontram seu espaço e vivem suas vidas, mesmo que condicionados a oferecer-se ao mercado, enquanto aqueles que não conseguiram o lugar, o espaço dentro da dinâmica socioeconômica. O ponto de encontro entre as duas situações está na não produção de biografias, característica essa, presente nas duas situações, aos que entraram no processo de formação voltado ao mercado e os que estão à margem do sistema. Tal perspectiva faz com que os sujeitos estejam fadados aos mesmos processos de materialidade econômica, seja pela exclusão das vidas ou pela exclusão social, ou mesmo pela incapacidade de ser quem se quer ser.

Propostas econômicas são reforçadas por políticas de governos e estas, por sua vez, estão conectadas às demandas exigidas pela economia global. Em um passado não muito distante nos mostravam que uma área de livre comércio entre as américas seria algo benéfico a algumas nações e não a outras. Hoje, o global se instala como forma de manter a economia e a lógica do mercado. Tomemos como exemplo o que a Coreia do Sul fez para exportar sua cultura e status através de seus grupos de K-pop, como uma estratégia política conhecida por *soft*

*power*⁵. Isso tudo fez com que se expandisse a influência coreana em âmbito internacional e a busca pelos produtos gerados a partir dessa exportação de modelo e ideologias fizeram com que o mercado internacional buscasse tudo o que está relacionado com essa demanda, seja econômica ou cultural. Viver este status como sendo também seu gerou benefícios econômicos para o país.

Além do avanço cultural-econômico, vemos a crescente expansão de grupos organizados que, na carência de formação, encontram o espaço perfeito para seu avanço. Segundo Flickinger (2010), o “desencantamento do mundo” faz surgir movimentos que se desenvolvem em uma esfera metafísica e se afastando dos princípios de racionalidade. Não obstante, passamos por processos de afastamento das racionalidades ao nos deparamos com discursos proféticos de pessoas ligadas à extrema direita brasileira que, em delírios, abandonaram a ciência, com falas que até então seriam difíceis de acreditar vindo de uma classe política que comandava o país. Isso se deve à “forçada redução dos processos de formação”. Flickinger (2010) salienta a relação entre sujeitos que se formam em uma sociedade que não constroem perspectivas próprias de vida, buscando em outros grupos, uma maneira de ser protagonista da sua história, pelo que poderiam, assim, encontrar espaço para a projeção de suas biografias expresso que o afastamento entre os espaços formais de educação e aqueles membros da sociedade que não alcançam tais espaços encontram seu lugar em grupos paralelos que possam servir de escalada nas suas biografias. Ainda, acerca do distanciamento entre espaços de formação e o encontro com outros espaços não formais nos põe à prova a busca por “autodeterminação”. Precisamos estar atentos é com o distanciamento da razão em detrimento do uso exploratório por parte de outrem. Tomemos como exemplo a ideia de laicidade, princípio previsto na Constituição Federal de 1988. Tal princípio é deturpado quando grupos religiosos assumem o cenário exigindo uma política de obtenção de apoio para se manterem no poder, políticas econômicas e sociais que representam a extrema direita moralista, que encontrou espaço pertinente nesses grupos religiosos. Mesmo sendo previsto o princípio da laicidade,

⁵ O gênero sul-coreano, não apenas preencheu uma lacuna outrora ocupada majoritariamente pelo pop ocidental, mas, abriu espaço para as demais vertentes deste segmento além do espaço musical, como, um maior interesse no idioma local, na gastronomia, aumento do turismo etc. A marca que vem sendo desenvolvida e exportada, pelo Estado, pode ser considerado um elemento de Soft Power. *In*: BTS: O fenômeno K-pop além da dimensão musical-
<file:///C:/Users/diver/Downloads/353-1604-1-PB.pdf>



temos uma bancada evangélica que avança em moralismos que não são favoráveis aos processos democráticos e republicanos, ocorrendo assim com esses grupos, nas palavras de Flickinger (2010) “o risco de serem instrumentalizados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações estão em processo, uma vez que, ao tratarmos do capitalismo e de seus adjacentes como o neoliberalismo e as formas que estes encontram para se manterem na sociedade, nos fazemos recorrer a processos em que tudo está em andamento e sendo coordenado de maneira que não prevemos.

Flickinger (2010), nesse sentido, nos convida a realizarmos uma análise dos espaços formais e não formais de formação com o intuito de nos colocarmos na vanguarda interpretativa dos fenômenos mercadificadores que temos recebido nos espaços de formação. Ainda reforça a importância de fazermos pesquisas, sejam elas quantitativas ou qualitativas, que forcem a escuta e análise dos grupos sociais formadores da nossa sociedade a partir da interpretação de dados que seriam contributivos para estruturar o que o autor chama de “biografia ético-moral e profissional”.

Por fim, o que buscamos é a valorização dos espaços de formação, mas que estes sejam organizados e articulados para que possamos ter uma formação pautada em aspectos éticos e sociais democráticos, na busca por caminhos de autonomia para todos, ou seja, que possam favorecer as autobiografias dos indivíduos e, assim, formar uma sociedade humana que esteja a favor de si e dos seus e não entregue a sistemas econômicos massivos que ampliam a competição e favorecem ao grande capital.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Entre o passado e o futuro São Paulo, Perspectiva, 1990.

CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas?* Neoliberalismo e a ordem global. Bertrand Brasil. 2002.

FLICKINGER, Hans-Georg. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas: Autores Associados, 2010. p.179-193.

LEITE, Larissa Maciel; RAIMUNDO, Lício da Costa. *Neoliberalismo, educação e capital humano: Pilar da desconstrução da ordem democrática*. Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho, Campinas, V3.p.01-18. Disponível em <file:///C:/Users/diver/Downloads/E2115066.pdf>